

## Alguns apontamentos sobre o trabalho nos anos 1990

Milton Melo dos Reis Filho<sup>1</sup>

*Centro Universitário Maurício de Nassau*

### Resumo

Este artigo discute alguns apontamentos sobre o trabalho no anos 1990, momento em que o Polo Industrial de Manaus passou a adotar novos estilos de vida e trabalho, sob as orientações demandadas da reestruturação produtiva que exercia um novo perfil do trabalhador fabril. É importante frisar que os espaços de trabalho passam a ser reduzidos, o operário padrão deu lugar ao “colaborador qualificado” e a velha sociabilidade ancorada nas relações de companheirismo caracterizadas pelo reconhecimento interpessoal e auto-reconhecimento cedem lugar à sociabilidade individualizada e estranhada. O estudo está ancorado em estudiosos do mundo do trabalho que contribuem para a compreensão dos novos rumos dados ao trabalho na contemporaneidade.

**Palavras-Chaves:** Vida e Trabalho, Reestruturação Produtiva, Trabalhadores.

### Abstract

This article discusses some notes on work in 1990, at which time the Industrial Pole of Manaus began to adopt new styles of life and work under the guidance demanded the restructuring of production that played a new profile of the factory worker. Importantly, the workspaces are now reduced, the standard labor gave way to "qualified employee" and the old sociability anchored in fellowship relations characterized by interpersonal recognition and self-recognition give way to individualized and estranged sociability. The study is anchored in the world of work scholars who contribute to understanding the new directions given to work in contemporary society.

**Key Words:** Life and Work, Production Restructuring, Workers.

Os anos iniciais da década de 1990 inauguravam no Parque Industrial de Manaus um novo estilo de vida e trabalho. O operariado estava submetido às alterações no mundo

---

<sup>1</sup> Professor doutor da Faculdade Maurício de Nassau – Uninassau (Unidade Manaus) e da Secretaria Municipal de Educação – Semed/Manaus. Pesquisador do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder vinculado ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas e CNPq. (E-mail: melomilton@ig.com.br).

do trabalho. A chamada reestruturação produtiva exercia um novo perfil do trabalhador fabril.

As empresas adotavam novas medidas educativas aos trabalhadores, contratando o Telecurso 2000 para ser ministrado no espaço fabril com o intuito de cumprir com os preceitos da reestruturação produtiva. O operário eficiente, padrão, deu lugar ao “colaborador qualificado” e mais bem preparado para os novos desafios dentro de uma exigência global.

Os espaços do trabalho tornaram-se reduzidos. A nova sociabilidade é marcada por conflitos, violência, preconceitos, e, sobretudo, por sinais de estranhamento mútuo. A velha sociabilidade ancorada nas relações de companheirismo caracterizadas pelo reconhecimento interpessoal e auto-reconhecimento cedem lugar à sociabilidade individualizada e estranhada.

Para Alves (2009) o trabalho estranhado é uma forma estrutural originária da vida social estranhada das sociedades de classes, marcada por um estranhamento que perpassa seu metabolismo social, obstaculizando o desenvolvimento humano-genérico das individualidades pessoais de classe, ou seja, o estranhamento social.

É com base nesta situação multifacetada das mudanças sociais em curso que Thompson (1987) se indaga sobre o processo de reconstrução das noções de comunidade entre os trabalhadores. Constituir-se numa comunidade nacional aberta aos pobres é, por exemplo, uma das explicações para a continuidade da adesão ao metodismo, mesmo diante da sua crescente institucionalização. De forma mais ampla, esse processo perpassa os padrões de relacionamento pessoais, familiares e de gênero, gerando rituais de reciprocidade e mutualidade nos quais os trabalhadores formam a comunidade possível, sob o capitalismo industrial: aquela estabelecida entre eles mesmos em oposição aos patrões e ao trabalho.

As políticas de proteção ao trabalhador, dentro e fora do trabalho, foram sendo substituídas pelo aumento da competitividade<sup>2</sup>. O tratamento da desigualdade social mudou de perspectiva. O que era tratado antes na ótica do Estado de Bem-Estar, como problema a ser enfrentado com o aumento dos benefícios sociais, passava agora pela nova ótica do Estado-Mínimo.

---

<sup>2</sup> Ver estudos de Ramalho e Santana. (2003).

Ramalho e Santana (2003, p. 12) consideram que “o mundo do trabalho, principalmente nos países desenvolvidos, se modificou rapidamente, e o consenso protetor do *welfare state* foi sendo substituído pela dieta neoliberal”. Em outros tempos “as formas de organização proletárias obedecem à diversas modalidades, desde aquelas que se destinam ao auxílio mútuo até a defesa contra os inimigos da classe” (CARONE, 1975, p.198).

Ocorre também uma reestruturação no aspecto educacional. Os trabalhadores da década de 1980 buscavam a saída para os seus problemas conjuntamente enquanto classe social. Viam que sozinhos não podiam resolver o problema da miséria. Atualmente a política golpeia a luta de classe e a identidade operária com o discurso de que o operário está perdendo o emprego porque não está qualificado, o que é improcedente na medida em que existem dois tipos de desemprego: o estrutural e o conjuntural. O desemprego conjuntural é aquele que quando chega o final do ano o patrão concede férias coletivas, demite alguns e deixa-os na expectativa de serem convocados no início do ano seguinte. O estrutural é aquele desemprego que surge porque o capitalista reestrutura a fábrica, investe em tecnologia, reduz a mão de obra, deixando o trabalhador sem a perspectiva do retorno para o mercado de trabalho. “Muitos sindicatos que historicamente vinham desenvolvendo o sindicalismo de classe têm sido obrigados a repensar posições e estratégias, ao invés de radicalizar os princípios compatíveis com a linha de atuação por eles adotada historicamente” (SILVA, 2010, p. 175).

O trabalho passou a assumir novos formatos e os atores sociais, descentralizados deles, pareciam não mais querer identificar-se com os marcos genéricos da classe e de suas correlatas instituições de representação como os partidos e sindicatos.

Com o passar dos anos, a vida social foi sendo reconstruída nestes novos espaços. Silva (2005, p. 296) lembra que “as tradições, a cultura do mundo de antes não couberam nos limites destes espaços. Foi necessária a construção dos lugares para protegê-las, para impedir sua morte”. Seus estudos revelam que a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada e a este momento particular de nossa história. Trata-se do lugar como o momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente (NORA, 1993).

A inserção numa realidade social voltada para os valores de troca, o desaparecimento das condições objetivas e sociais da produção dos valores de uso contribuíram para a destruição da matéria-prima das lembranças. Como lembra Silva (2005, p. 298) “a terra não é mais a mesma, sem contar que a produção de valores de uso era pautada pela sociabilidade ancorada nas relações pessoais de reconhecimento e pertencimento mútuos”. O novo contexto é caracterizado pelo individualismo que passa a ser o valor predominante nas relações entre as pessoas. A cultura do mundo de antes, cimento da solidariedade. Para sermos mais precisos, “não existe progresso definitivamente conquistado, nem progresso exclusivamente progresso, nem progresso sem sombras [...] Todo progresso corre o risco de se degradar e comportar um duplo sentido: progressão/regressão” (MORIN, 2010, p. 29).

As novas diretrizes identitárias dos operários vinculados ou não ao aparelho sindical, pós-anos 1980, são abaladas, indicando novas bandeiras de luta e formas preponderantes de atuação. As pessoas se veem num contexto em que as bases de suas ações reivindicativas esvaíram-se. Este processo destrói as identidades sociais. Tem o poder de transformá-los de um dia para outro em vagabundos sem teto sem endereço fixo, sem identidade.

Este novo contexto é denominado por Bauman (2005) de modernidade líquida, ou seja, um mundo repleto de sinais confusos propensos a mudar com rapidez e de forma imprevisível. Essas alterações trazem consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos, o que ele chama de amor líquido. Este é um dos fios condutores para compreendermos de que forma as relações interpessoais tornam-se flexíveis, gerando níveis de insegurança sempre maiores.

Estão em curso os relacionamentos em redes, as quais podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade e frequentemente sem que isso envolva nenhum contato além do virtual. Este quadro faz com que os novos sujeitos não mais saibam manter laços à longo prazo. Castells (1999) anuncia uma sociedade interativa. “Estão emergindo *on-line* novas formas de sociabilidade e novas formas de vida urbana, adaptadas ao novo meio ambiente tecnológico” (CASTELLS, 1999, p. 443) e, anuncia “a desumanização das relações sociais e que a vida *on-line* parece ser uma maneira mais

fácil de fugir da vida real. Além disso, [...] o uso da internet aumenta as chances da solidão, sensação de alienação ou mesmo de pressão” (IBIDEM, p. 443).

Bauman (2005) examina a crise na atual política imigratória de diversos países da União Européia e a forma como a sociedade tende a creditar seus medos, sempre crescentes, a estrangeiros e refugiados. É desse modo que ele busca esclarecer, registrar e apreender de que forma o homem sem vínculos, figura central dos tempos modernos, se conecta. De acordo com este autor, “a sincronização dos focos de atenção e dos temas de conversa não é, evidentemente, equivalente a uma identidade compartilhada, mas os focos e temas mudam com tal rapidez que dificilmente há tempo para se compreender essa verdade” (BAUMAN, 2005, p. 104).

Os trabalhadores passaram a encarar os novos desafios do mundo do trabalho. As portas se fechavam principalmente para aqueles que haviam participado dos movimentos e das greves. No lugar dos demitidos contratavam novos funcionários. Quando os chefes descobriam que esses novos contratados eram líderes de greves, despediam-nos imediatamente. Essa parte do operariado era considerada pelos patrões a “maçã podre”, como chamavam os chefes. A orientação passada aos chefes, supervisores e reservas de linha, conforme atesta Rubenita Santos, consistia na retirada desses operários do processo produtivo. “Outros gerentes falavam a mesma coisa: gente! se vocês tiverem uma “maçã podre”, tirem para não estragar todos. Aí na hora de dar a conta nós, reservas, tínhamos que fazer a escolha justa” (entrevista/2012).

Surgia com intensidade o desemprego urbano, iniciando a deterioração das condições de trabalho, dando lugar à informalidade. Para Mattoso (1996) a geração de emprego sofreu as consequências desestruturantes de um processo de retração das atividades produtivas. O crescimento do desemprego e da informalização eram responsáveis pelo enfraquecimento das relações de trabalho. Os trabalhadores e seus sindicatos ficaram debilitados e as empresas adquiriram um maior poder no mercado de trabalho, adotando mecanismos contratuais unilaterais ou por empresa, que terminaram, a longo prazo, por favorecer a desvalorização da contratação coletiva mais setorializada ou centralizada. Promoveu os baixos salários e a ampliação das diferenças de rendimentos dos ocupados, além de acentuar a queda dos níveis de sindicalização.

A ação sindical foi restringida pela profunda transformação regressiva da estrutura produtiva, pelo crescimento econômico comum, pela redução dos espaços de negociação setoriais e nacionais, pelo aumento do desemprego, pela redução de empregos formais e pela elevação da precarização das condições e relações de trabalho. Os sindicatos e centrais sindicais que encontravam-se construindo uma ação propositiva nacional (impulsionando as câmaras setoriais) entraram num evidente movimento defensivo. Some-se a isso, uma desaceleração na quantidade de greves, com maior dispersão e fragmentação da ação sindical. Contudo, a saída deste movimento defensivo constitui um desafio extraordinário para as organizações dos trabalhadores: ser capaz de se opor às políticas governamentais que geraram esta profunda regressão das estruturas da produção e do emprego nacional e, ao mesmo tempo, propor políticas alternativas e constituir com amplas forças sociais um movimento capaz de apoiar democraticamente um novo projeto nacional.

Rubenita Santos deixou de trabalhar em 1997 quando faltavam 08 anos para se aposentar por tempo de serviço. Para conquistar este benefício ela continuou pagando como autônoma os anos complementares ao INSS. Esta operária diz não ter lembranças ruins do Distrito Industrial de Manaus. Para ela a Sharp do Brasil “foi uma mãezona”, como sempre fazia questão de frisar durante nossas inquirições. “Lá, eu só progredi porque eu soube fazer. Eu sabia que se ali eu fizesse extras, eu iria ganhar mais. Eu precisava comprar as minhas coisas” (entrevista/2012).

Esta fala caracteriza os trabalhadores que se deixam influenciar pelo patrão. Trata-se daqueles passivos à humilhação, que não reclamam por seus direitos em razão das consequências de seus atos. Esses trabalhadores são chamados pelos seus pares “puxa saco” de pai e mãe, o sangue de barata, o covarde. Em outras palavras são os *pelegos*, que desconhecem a solidariedade, os egoístas que não conseguem ver nada além de suas próprias e momentâneas necessidades, são aqueles trabalhadores que, terminada a greve, não conseguem olhar nos olhos dos seus companheiros. Também revela a ausência de uma consciência crítica em relação ao efeito do capital sobre o trabalhador, a *mais valia*.

Ela trabalhou em todas as fábricas do grupo Sharp. Iniciou como montadora na fábrica de calculadoras. Todos diziam que a Calculadora iria acabar, logo, vinham as determinações de sua diretoria, vai lá para a Cape Placas, vai lá para SDB-III. Por ser

reserva de linha sempre lhe era dada a missão de escolher 10 ou 20 funcionários bons para acompanhá-la e ela escolhia. Os bons funcionários eram aqueles que executavam bem suas funções e não faltavam ao trabalho. Essas pessoas mereciam ser escolhidas.

Os bons funcionários, como eram chamados pelos patrões, compõem o quadro de trabalhadores que não se percebem pertencentes a sua classe, desconhecem que “a consciência de classe é uma construção social que, entretanto, não a torna menos real e importante na história” (PETRAS, 1996, p. 07). Embora as formas de expressões sociais da consciência de classe variem, ela é um fenômeno recorrente por toda a história e na maior parte do mundo, mesmo quando é obscurecida por outras formas de consciência em diferentes momentos.

O sentimento de Francisca Selma, 48 anos, anuncia outra realidade. Ela se refere aos anos iniciais da década de noventa como sendo das tecnologias, momento em que as empresas investem mais em tecnologias e serviços. Essas medidas ocasionaram alterações drásticas aos operários, até mesmo para o qualificado que passou a assumir sozinho o comando de uma máquina que antes funcionava com dez operários. Essa exigência passou a comandar a vida de homens e mulheres no Parque Industrial de Manaus, conforme afirma Francisca Selma: “para mim a maior dificuldade do trabalhador é isso também. Hoje no Distrito se você não tiver alguém para lhe indicar, se estiver com 25 anos ou 30 anos você não entra mais” (entrevista/2012).

Nos anos inaugurais da década de 1990 as dificuldades encontradas para novas inserções no mercado de trabalho foram enormes. Uma delas estava no fato de que boa parte dos jovens e adultos não correspondia às exigências desse contexto.

Os tempos mudaram. Já se sentia a necessidade de novas reflexões focadas na postura e no perfil dos dirigentes. Era o momento propício para todos os sujeitos, operários e dirigentes, reavaliarem suas estratégias de lutas. Rosilene Martins percebe que essa passagem possibilitou um diálogo mais aberto em termos de negociação. Ela reconhece que “foram das mãos do Silvestre e Paulo Araújo (hoje falecido), ótimos negociadores naquela época, que eu recebi as instruções necessárias para esse novo momento de luta. Até mesmo rever meus conceitos” (entrevista/2013).

A atuação e a valiosa contribuição dos operários e dirigentes sindicais nos anos 1980 não serviram de passaporte para suas reinserções no mercado de trabalho nos anos

1990. A referência que prevalecia no interior das empresas sempre foi baseada no fazer-se de cada trabalhador durante os levantes grevistas. Rosilene Martins foi uma das trabalhadoras que vivenciou bem esta situação. Ela comunica, em sua entrevista que, algumas empresas ainda permitiram a ela a realização do teste admissional. No entanto, ao aproximar-se do Setor Pessoal, logo diziam: “oi Rose! Você por aqui? Os gerentes marcavam os funcionários, implicavam e impediam sua contratação. Era uma forma de nos intimidar” (entrevista/2013).

Certa de que as portas se fechavam Rosilene Martins procurou outros afazeres, engravidou, deu à luz uma criança do sexo masculino a quem se dedica até os dias de hoje. Sempre determinada e visando o futuro de seu primogênito passou a desenvolver atividades como microempresária, montou uma pequena loja de confecções e não mais buscou outra forma de inserção no Polo Industrial de Manaus. Seu primeiro emprego foi na Evadin Componentes da Amazônia e o segundo e último na Itaucan Componentes da Amazônia, empresas situadas no Polo Industrial de Manaus. Foi demitida da última empresa por justa causa. O setor responsável do Sindicato dos Metalúrgicos não conseguiu reverter, em tempo hábil, esta situação. Na realidade, Rosilene Martins explica o porquê dessa perda, a saber:

Simplesmente o setor responsável do Sindicato dos Metalúrgicos não recorreu ao Supremo, esqueceu. Por conta disso, eu perdi a causa, aí eu me afastei. Os companheiros mais solidários pediram para eu continuar numa outra atividade. Só que já estava naquele momento de decidir em que lado você está e, eu não concordava com aquele tipo de luta separada. Eu sabia que aquilo não daria certo. Também pensei, se eu aceitasse essa oportunidade, estaria instrumentalizando para que outro viesse retirar as duas lideranças mais importantes naquele momento, que poderiam permanecer dando sustentabilidade para que os trabalhadores ganhassem suas lutas. Brigaram, brigaram, saíram as duas lideranças e, está aí quem se eternizou no poder, antes veio o Agostinho e depois ficou o Valdemir Santana (entrevista/2013).

Inaugura-se o processo de cooptação de lideranças no Polo Industrial de Manaus. De um lado estavam pessoas que passavam a temer e a cruzar seus braços no meio sindical. De outro, estava visível um processo de rupturas e descontinuidades da perspectiva classista.



Só alguns operários que foram lideranças no processo fabril ainda encontraram oportunidades de reinserção no mercado. Conforme Telma “hoje o Distrito está muito bom. Só que ainda não tem estabilidade. O diferente hoje é que não escolhem mais para dar a conta, qualquer um pega a conta. Naquela época não, só a *peãozada* era quem pegava a conta”.

Em consonância com a afirmação de Telma, outra nossa entrevistada, Francisca Selma lembra que a festa operária sempre cumpria um objetivo que era de alcançar o que todos sonhavam, não somente em termos de salários, mas, também, condições de trabalho e melhorias no trato com a pessoa humana. Apesar das inúmeras dificuldades, “boa parte dos trabalhadores demitidos no início dos anos 1990, ainda conseguiram o seu trabalho de volta” (entrevista/2012). Esses trabalhadores buscaram outros caminhos, outras formas de atuação no mercado de trabalho. A celebração dos novos contratos de trabalho nos anos noventa não os obstaculizou de assumir outros vínculos de atividade no mercado informal, passaram a investir na dupla jornada. De acordo com Alves (2009, p. 170),

O aumento da jornada de trabalho entre o contingente de trabalhadores organizados e a queda do rendimento médio dos trabalhadores em geral, que afetam as economias capitalistas desenvolvidas ou em desenvolvimento, são sintomas da nova precariedade salarial. O mote é ‘trabalhar mais para ganhar menos’. É a expressão do mundo do trabalho *estagnado*, subproduto da crise do estatuto salarial e do desemprego estrutural; e da dinâmica medíocre da acumulação capitalista, onde a financeirização da riqueza capitalista obstaculiza o crescimento qualitativo dos investimentos produtivos.

A festa operária foi um caminho aberto às pessoas criativas. Rosilene Martins lembra do Alegria, um rapaz que criava as músicas. Ele não era o único, mas entre os vários presentes, ele era quem mais se destacava. Suas canções eram entoadas em todas as empresas. “Acho que ele se deu bem, saiu das empresas, foi trabalhar em projeto cultural, ajudar o boi Garantido em Parintins e aqui em Manaus” (entrevista/2013).

A fala de Rosilene Martins revela a volta por cima do jovem Alegria. A convivência vivida no âmbito da manifestação da festa serviu de passaporte para os desafios na contemporaneidade. Seus contemporâneos, aqueles que formaram em curso superior transformaram-se em empreendedores de si mesmos.

Sem dúvida, a festa operária promoveu o destaque desses operários. Foi um grande começo em suas carreiras. O estado em que vivia a classe trabalhadora, seus diferentes campos de ação, sem dúvida alguma, contribuiu para pensar e compor cada música. A experiência com o movimento e apoiadores surtiu efeito positivo nesses operários que procuravam aprimorar seus estudos.

No caso específico dos trabalhadores do Polo Industrial de Manaus buscava-se na construção da identidade operária um ato de libertação. Ou seja, a superação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis. Acreditar nesse tipo de mudança era necessário nos anos 1980, o que não se percebe nos anos 1990. Prevalencia o discurso de que era necessário confiar em escolhas feitas socialmente e que o futuro parecia certo.

## **Referências**

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado: a precariedade do trabalho no capitalismo global**. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2009.

BAUMAN, Zigmunt, 1925. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman: tradução, Carlos Alberto Medeiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARONE, Edgar. **A República Velha: instituições e classes sociais**. São Paulo: Difel, 1975.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. (Trad. Roneide Venancio Majer). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MATTOSO, Jorge. **A desordem do trabalho**. São Paulo: TT Scritta, 1996.

\_\_\_\_\_. **Para onde vai o mundo?** (Trad. Francisco Morás). 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: n° 10, p. 7, dez. 1993.

PETRAS, James. **Intelectuais: Uma crítica marxista aos pós-marxistas**. (Tradução: Jair Pinheiro). São Paulo: PUC, 1996.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. **Trabalhadores. Sindicatos e a Nova Questão Social**. In: SANTANA, Marco Aurélio / RAMALHO, José Ricardo

(Orgs.). *Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

SILVA, Marcia Perales Mendes. **Expressões do Mundo do Trabalho Contemporâneo: um olhar para os trabalhadores do Parque Industrial de Manaus**. Manaus: EDUA, 2010.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Das mãos à memória**. In. MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). *O Imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Baurú, SP: EDUSC, 2005.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa, (Vol. I – A Árvore da Liberdade)** / E. P Thompson. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa, (Vol. II – A Maldição de Adão)** / E. P. Thompson. Tradução de Renato Busato Neto, Claudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa, (Vol. III – A força dos trabalhadores)** / E. P Thompson. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.